

# Aproximações Recentes entre Construcionismo Social e Terapia no Contexto Acadêmico Brasileiro <sup>1 2</sup>

Livia de Arruda Focchi<sup>3</sup>

Emerson Fernando Raserá<sup>4</sup>

Carla Guanaes-Lorenzi<sup>5</sup>

## Resumo

*Este artigo teve como objetivo geral analisar as aproximações entre terapia e construcionismo social na atualidade do contexto acadêmico brasileiro. Para tal, foi desenvolvido um estudo bibliográfico qualitativo que analisou 26 pesquisas ligadas à divulgação das terapias construcionistas, publicadas nas plataformas CAPES, PePSIC e SciELO entre 2010 e 2021. A análise indicou que o tema investigado tem sido divulgado com pouca frequência no recorte acadêmico explorado, através de pesquisas que geralmente visavam investigar abordagens, conceitos e técnicas terapêuticas, processos terapêuticos e suas implicações, bem como a difusão de teorias e técnicas dentre terapeutas familiares. A análise também mostrou que tais pesquisas estiveram teoricamente influenciadas pelos discursos de Kenneth Gergen, Harlene Anderson e Sheila McNamee. As práticas relatadas estiveram especialmente influenciadas pela abordagem colaborativa de Anderson e Goolishian, pelos processos reflexivos de Andersen e pelas práticas narrativas de White e Epston. Além disso, compreendeu-se que a terapia construcionista tem sido associada ao estudo da comunicação, dos relacionamentos e da mudança dos sentidos de problema. Espera-se que este estudo dê visibilidade à literatura nacional sobre a clínica construcionista e que colabore para a sua difusão dentre terapeutas e psicólogos brasileiros.*

**Palavras-chave:** *psicoterapia, construcionismo social, terapia narrativa, terapia colaborativa*

---

1 Esse artigo é resultado de pesquisa de mestrado da primeira autora, no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia.

2 Financiamento: CNPQ/FAPEMIG

3 Psicóloga e Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Uberlândia.

4 Psicólogo e Doutor em Psicologia pela Universidade de São Paulo. Professor Titular da Universidade Federal de Uberlândia.

5 Psicóloga e Doutora em Psicologia pela Universidade de São Paulo. Professora Associada da Universidade de São Paulo.

## **Recent Developments in the Intersection of Social Constructionism and Therapy in the Brazilian Academic Context**

### **Abstract**

*This article analyzed the approximations between therapy and social constructionism in the current Brazilian academic context. For this, a qualitative bibliographic study was developed, which analyzed 26 studies related to the dissemination of constructionist therapies, published on CAPES, PePSIC and SciELO platforms between 2010 and 2021. The analysis indicated that the investigated topic had been disclosed infrequently in the academic field, explored through studies that generally aimed to investigate therapeutic approaches, concepts and techniques, therapeutic processes, and their implications, as well as the dissemination of theories and techniques among family therapists. The analysis also showed that such research were theoretically influenced by the discourse of Kenneth Gergen, Harlene Anderson and Sheila McNamee. The practices reported were mainly influenced by the collaborative approach of Anderson and Goolishian, by the reflective processes of Andersen, and by the narrative practices of White and Epston. Furthermore, it was understood that constructionist therapy has been associated with studying communication, relationships, and changing the meanings of problems. It's hoped that this study will give visibility to the national literature on the constructionist clinic and contribute to its dissemination among Brazilian therapists and psychologists.*

**Keywords:** *psychotherapy, social constructionism, narrative therapy, collaborative therapy*

O construcionismo social consiste em um movimento intelectual, filosófico e pós-moderno que emergiu de uma série de insatisfações em relação às teorias e práticas essencialistas, assim como do desejo de transformar entendimentos e formas de estar no mundo (Gergen, 2009). No campo das práticas clínicas, esse movimento vem possibilitando mudanças na medida em que apresenta descrições inovadoras sobre o processo terapêutico e a postura do terapeuta (Rasera & Japur, 2004). Entendendo terapia como construção social, os terapeutas construcionistas são influenciados por uma postura flexível aos fundamentos racionais do conhecimento, aberta à multiplicidade de descrições e de explicações não-essencialistas, que visa distanciar-se de um possível papel de especialista para ser colaborativa, mas que também se mostra engajada em valores ideológicos, políticos e éticos (Gergen & Warhuus, 2001).

No Brasil, estudos construcionistas ligados à terapia passaram a ser divulgados a partir da tradução da obra *A Terapia como Construção Social* (McNamee & Gergen, 1992) para o português no ano de 1998. Nessa produção, os autores sugerem práticas terapêuticas baseadas no entendimento de terapia como construção social e propõem que toda conversa constrói sentidos que se repercutem em ações. Orientados por essa perspectiva, McNamee e Gergen (1998) compreendem que o principal objetivo da terapia ligada ao construcionismo consiste em desenvolver diálogos e reflexões que possibilitem o compartilhamento de diferentes pontos de vista e que, por consequência, promovam novas possibilidades de ação às pessoas.

Tendo em vista as mudanças provocadas pelo pensamento construcionista, consideramos relevante investigar como as práticas clínicas sensíveis ao construcionismo social se manifestam atualmente no Brasil. Para isso, buscamos compreender os processos de produção e de difusão de conhecimentos ligados a essa temática a partir de um recorte do contexto acadêmico brasileiro, uma vez que a academia brasileira consiste em um campo fértil de narrativas que demonstram colaborar com a construção, o fortalecimento e a divulgação do conhecimento sobre as terapias<sup>6</sup> construcionistas em nosso país.

Assim, o objetivo geral desta pesquisa foi analisar as aproximações entre terapia e construcionismo social na atualidade no contexto acadêmico brasileiro. Como objetivos específicos, buscamos (a) constituir um panorama da difusão das terapias socioconstrucionistas no atual cenário científico do país, de modo a compreender quem compõe o grupo de pesquisadores da área, assim como o que tem sido discutido entre os mesmos; (b) identificar quais versões de construcionismo social têm inspirado os estudos ligados à divulgação das terapias socioconstrucionistas no contexto acadêmico nacional; e (c) investigar que sentidos de terapia estão sendo construídos e divulgados pela comunidade acadêmica brasileira.

## **Método**

Esta é uma pesquisa bibliográfica integrativa, qualitativa, epistemologicamente orientada pelo construcionismo social, que buscou investigar os diferentes processos de comunicação em uma comunidade específica de pesquisadores ligados à divulgação das práticas clínicas socioconstrucionistas no meio acadêmico brasileiro, entendendo tais processos discursivos como

---

<sup>6</sup> Ao longo do texto, utilizamos os termos *terapia*, *psicoterapia* e *clínica* como sinônimos, assim como, muitas vezes, é observado em pesquisas da área da Psicologia.

responsáveis pela construção de certas realidades (McNamee, 2010). Seu *corpus* foi constituído por 26 pesquisas relacionadas ao assunto das terapias construcionistas, as quais foram publicadas entre janeiro de 2010 e junho de 2021 no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES ou nas bases de dados Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PePSIC) e/ou Scientific Electronic Library Online-Brasil (SciELO-Brasil), por meio de uma busca realizada em julho de 2021.

Assim, a palavra *construcionismo* foi buscada nas três bases citadas em julho de 2021. Encontramos 481 resultados na CAPES, 72 na PePSIC e 43 na SciELO. Refinando a busca, selecionamos na base CAPES apenas as pesquisas que se enquadraram nas áreas *Psicologia* ou *Tratamento e Prevenção Psicológica*, o que reduziu o número de publicações para 105. Na PePSIC, ao selecionar apenas os artigos publicados no período estabelecido, restaram 56 artigos. Por fim, filtrando os artigos obtidos na SciELO de modo a selecionar apenas os estudos publicados no referido período, bem como aqueles que estavam enquadrados nas categorias de assunto *psychology*, *multidisciplinary* (Psicologia multidisciplinar), *psychology* (Psicologia), *psychology, applied* (Psicologia aplicada) e *psychology, clinical* (Psicologia clínica), alcançamos 29 artigos.

Em seguida, ao separar as referências que, em seu título, resumo e/ou palavras-chaves, continham as palavras *terapia*, *psicoterapia*, *terapêutica*, *terapêutico*, *terapeuta* e/ou *clínica*, foi possível identificar 20 trabalhos na CAPES, 22 na PePSIC e oito na SciELO. A leitura aprofundada e reincidente das pesquisas em questão permitiu a seleção de cinco publicações na CAPES, 17 na PePSIC e quatro na SciELO, em um total de 26 pesquisas (ver Tabela 1), por tratar-se de estudos associados às diferentes formas de aproximação entre terapia e construcionismo social. As demais publicações foram desconsideradas por não darem foco ao assunto terapia ou por não serem realizadas no Brasil.

### Tabela 1.

#### *Publicações Selecionadas para o Estudo*

Item	Ano	Título	Autor(es)	Instituição ou Revista
1	2010	Mudança em psicoterapia de grupo: reflexões a partir da terapia narrativa	Carrijo, R. S. & Rasera, E. F.	Revista Psicologia Clínica
2	2010	A perspectiva sistêmica para a Clínica da Família	Costa, L. F.	Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa

3	2012	O papel do terapeuta na relação terapêutica na Gestalt-terapia e na Terapia de Família Sistêmica Construcionista Social	Vogel, A. R.	Revista IGT na rede
4	2013	A poética do desenhoem terapia de casal	Biagi-Borges, A.L.	Universidade Federal deUberlândia
5	2013	A participação da família no tratamento em Saúde Mental como prática no cotidiano do serviço	Martins, P. P. S.	Universidade de São Paulo (Ribeirão Preto)
6	2013	A terapia focada na solução e suas aproximações ao discurso construcionista social	Martins, P. P. S.; Santos, C. P. & Raser, E. F.	Revista Estudos de Psicologia
7	2014	A prática em terapiade família e as redes sociais pessoais	Uber, M. L. R. & Boeckel, M. G.	Revista Pensando Famílias
8	2015	Sentidos construídos por familiares acerca de seu processo terapêutico em terapiafamiliar	Barbosa, M. B. & Guanaes-Lorenzi, C.	Revista Psicologia Clínica
9	2015	Difusão do construcionismo social entre terapeutas familiares: desafios e potencialidades	Ravagnani, G. S. de P.	Universidade de São Paulo (Ribeirão Preto)
10	2016	Diálogos entre o discurso construcionista social e a terapia social	Manfrim, A. F. N.& Raser, E. F.	Revista Nova Perspectiva Sistêmica
11	2017	O especialista relacional na terapia familiar de fundamentação epistemológica construcionista social	Doricci, G. C., Crovador, L. F. & Martins, P. P. S.	Revista Nova Perspectiva Sistêmica
12	2017	O trabalho com Equipes Reflexivas: revisão de literatura	Fiorini, M. C., Guisso, L. & Crepaldi, M. A.	Revista Nova Perspectiva Sistêmica

13	2017	O Fazer e o Estar em terapia dialógica colaborativa	Lenzi, B.	Revista Nova Perspectiva Sistêmica
14	2017	Recursos conversacionais para a clínica ampliada com famílias em saúde mental	Martins, P. P. S.	Universidade de São Paulo (Ribeirão Preto)
15	2017	A Utilização de Modelos Teóricos na Terapia Familiar: Foco no Construcionismo Social	Ravagnani, G. De P.; Guanaes-Lorenzi, C. & Rasesa, E. F.	Revista Paidéia
16	2018	Cerimônia de definição: o percurso entre a primeira e a segunda escuta no processo de formação do terapeuta	Coutinho, A. L.	Revista Nova Perspectiva Sistêmica
17	2018	As influências de vozes apreciativas na nossa constituição identitária	Guimarães, N. V.	Revista Nova Perspectiva Sistêmica
18	2018	O sexo dialógico: um conceito facilitador para conversações sobre práticas sexuais	Lenzi, T. & Lenzi, B.	Revista Nova Perspectiva Sistêmica
19	2018	Cerimônias de encerramento em terapia individual: expandindo os sentidos da mudança	Martins, P. P. S. & Arantes, M. S.	Revista Nova Perspectiva Sistêmica
20	2018	Aconselhamento Psicológico como Construção Social	Souza, L. V.	Revista Psicologia: Ciência e Profissão
21	2019	O estado da arte: construcionismo social e a performance terapêutica no Brasil	Fernandes, T. R. & Nascimento, V. A.	Revista Nova Perspectiva Sistêmica
22	2019	Teoria do posicionamento e terapia familiar: criando novas posições discursivas na relação entre mãe e filho	Pozzer, L. A. & Novaes, E. D. F.	Revista Nova Perspectiva Sistêmica

23	2019	A integração de teorias e técnicas na prática clínica em terapia familiar	Ravagnani, G. S. de P.	Universidade de São Paulo (Ribeirão Preto)
24	2019	“O menino e a abóbora”: a arte de um encontro	Setton, M. Z.	Revista Nova Perspectiva Sistêmica
25	2020	Tecendo redes, construindo pontes: atendimento a uma família migrante na clínica de família do Instituto Noos	Lima, A. S. da C. & Corsini, L. F.	Revista Nova Perspectiva Sistêmica
26	2020	Responsividade Reflexiva: um conceito para meios criativos de transformação em práticas colaborativas-dialógicas	Lenzi, B.	Revista Nova Perspectiva Sistêmica

Para analisar o material coletado, este estudo baseou-se na análise de conteúdo temática de Bardin (2016), método que visa investigar os sentidos de uma comunicação cuja presença ou frequência de aparição nos textos analisados podem contribuir com o objetivo do pesquisador. Assim, após a constituição do *corpus*, realizou-se a pré-análise dos dados por meio do recorte de todos os trechos dos textos que revelavam índices e indicadores, ou seja, informações que permitiam responder aos objetivos específicos deste estudo. Em seguida, exploraram-se os dados em questão, enumerando-os por temas e depois aglutinando-os de acordo com suas semelhanças ou particularidades, sendo possível, então, classificá-los em categorias temáticas ligadas aos assuntos mais presentes dentre as publicações analisadas. Por fim, o tratamento dos resultados se deu tanto por meio da releitura e reavaliação dos índices, indicadores e unidades de análise selecionados, assim como das interpretações produzidas pelos autores da presente pesquisa.

## Resultados e Discussão

Os resultados da análise desta pesquisa foram organizados em três eixos temáticos, sendo esses (1) A difusão das terapias socioconstrucionistas no contexto acadêmico brasileiro, (2) *Versões do movimento construcionista na academia*; (3) *Que terapia é essa?*. A seguir, os resultados serão apresentados em interlocução com uma discussão sobre os conteúdos abordados.

### ***A Difusão das Terapias Socioconstrucionistas no Contexto Acadêmico Brasileiro***

Objetivando constituir um panorama da difusão das terapias construcionistas no atual cenário científico do país, de modo a compreender quem compõe o grupo de pesquisadores da área e o que tem sido discutido entre eles, buscamos investigar o período de publicação de cada estudo recuperado, o nome e a formação dos seus autores, o nome das universidades e das revistas vinculadas a essas publicações, bem como os objetivos gerais das mesmas. A análise do período de publicação das pesquisas coletadas revelou que as 26 pesquisas selecionadas estão distribuídas entre os anos de 2010 a 2021 da seguinte forma: 2010 (2), 2011 (0), 2012 (1), 2013 (3), 2014 (1), 2015 (2), 2016 (1), 2017 (5), 2018 (5), 2019 (4), 2020 (2), 2021 (0). Constatou-se que o número de pesquisas publicadas no período investigado variou entre zero e cinco por ano, tendo sido possível notar uma pequena predominância de publicações entre os anos 2017 e 2018. Tais resultados indicaram que o tema das terapias construcionistas tem sido pouco divulgado no meio acadêmico nacional, provavelmente devido ao fato de o movimento construcionista estar dando seus primeiros passos na Psicologia Clínica brasileira e, nesse sentido, ainda se mostrar pouco popular no país em comparação a outras abordagens mais tradicionais da área.

Seguindo para a análise da comunidade de pesquisadores responsáveis pelas publicações levantadas, foram identificados 31 autores. Dentre estes, cinco se destacaram devido ao número de pesquisas publicadas durante o período investigado: Carla Guanaes-Lorenzi, com seis publicações; Pedro Pablo Sampaio Martins, com cinco publicações; Emerson Fernando Rasera, com quatro publicações; e Gabriela Silveira de Paula Ravagnani e Bruno Lenzi, ambos com três publicações. Tal resultado apontou para uma comunidade restrita de pesquisadores relacionados à difusão do tema na atualidade, considerando ainda que os primeiros quatro autores mencionados fazem parte de um mesmo grupo de pesquisa.

Em relação à formação dos pesquisadores analisados, por meio da busca pelo nome dos mesmos no site da Plataforma Lattes e, em seguida, entrando em contato com alguns deles via e-mail, foi possível identificar que 27 dos 31 autores são formados em Psicologia. Isso indica que os estudos relacionados ao tema das terapias socioconstrucionistas se mostraram principalmente divulgados por psicólogos, profissionais que tradicionalmente se mostram envolvidos com diferentes práticas terapêuticas.



Seguindo para a análise das instituições vinculadas às dissertações de mestrado e teses de doutorado levantadas, foram identificadas duas universidades ligadas à divulgação das terapias sensíveis ao construcionismo social no meio acadêmico brasileiro: a Universidade de São Paulo/Ribeirão Preto (4) e a Universidade Federal de Uberlândia (1).

No que se refere aos periódicos ligados aos artigos investigados, constatou-se a relação com oito revistas diferentes, sendo essas: *Nova Perspectiva Sistêmica* (13 artigos), *Psicologia Clínica* (2), *Psicologia: Teoria e Pesquisa* (1), *Revista IGT na rede* (1), *Estudos de Psicologia* (1), *Pensando Famílias* (1), *Paidéia* (1) e *Psicologia: Ciência e Profissão* (1). Dentre essas, a Revista Nova Perspectiva Sistêmica se destacou por ter concentrado 13 dos 21 artigos analisados, demonstrando sua influência no movimento de difusão das terapias ligadas ao construcionismo no contexto acadêmico brasileiro. Tais resultados refletem a missão da revista de divulgar conhecimentos sobre o construcionismo social, famílias, práticas sistêmicas contemporâneas, terapia familiar, terapias narrativas e práticas colaborativas, conforme consta no site do periódico em questão.

Avançando para a análise dos objetivos gerais do material coletado, foi possível identificar que as publicações investigadas se mostraram principalmente interessadas pela análise de abordagens, conceitos e técnicas terapêuticas (12), pela investigação de certos processos terapêuticos e suas implicações (9), bem como pelo estudo da difusão de teorias e técnicas dentre terapeutas familiares (5). Assim, reconhecemos 12 estudos analíticos, comparativos entre si ou não, que, a partir do interesse pela investigação de abordagens, conceitos e técnicas terapêuticas, refletiram sobre diferentes discursos e propostas clínicas, sendo essas internas ou externas ao construcionismo social (Costa, 2010; Doricci, et al., 2017; Fiorini, et al., 2017; Lenzi & Lenzi, 2017; Lenzi, 2020; Manfrim & Rasera, 2016; Martins & Arantes, 2018; Martins, 2017; Martins, et al., 2013; Setton, 2019; Souza, 2018; Vogel, 2012).

Além disso, identificamos nove trabalhos interessados na investigação de certos processos terapêuticos e suas implicações (Barbosa & Guanaes-Lorenzi, 2015; Biagi-Borges, 2013; Carrijo & Rasera, 2010; Coutinho, 2018; Guimarães, 2018; Lenzi, 2017; Lima & Corsini, 2020; Martins, 2013; Pozzer & Novaes, 2019). Tais trabalhos foram desenvolvidos tipicamente a partir de estudos empíricos, voltados à compreensão dos sentidos produzidos em terapia pelos clientes, terapeutas ou familiares, e de suas reverberações dentre os mesmos. Dentre as diferentes implicações exploradas pelos estudos

em questão, destacou-se o interesse pela análise das mudanças que ocorreram na vida dos clientes com o auxílio da terapia, bem como das transformações na escuta do terapeuta.

Por último, observamos cinco pesquisas interessadas pelo estudo da difusão de teorias e técnicas no Brasil, com destaque para o discurso construcionista social, especialmente dentre terapeutas familiares (Fernandes & Nascimento, 2019; Ravagnani, 2015, 2019; Paula-Ravagnani et al., 2017; Uber & Boeckel, 2014). Nesse sentido, os resultados ressaltaram a importância dos terapeutas familiares no processo de divulgação das terapias ligadas ao construcionismo em solo brasileiro, os quais historicamente vêm se mostrando essenciais para que o movimento socioconstrucionista se consolide como uma influência teórica relevante no campo da terapia (Flaskas, 2011).

Dessa forma, os objetivos gerais das pesquisas em questão demonstraram-se coerentes com uma epistemologia construcionista no sentido de valorizarem a investigação dos processos pelos quais as pessoas atribuem sentidos a si mesmas e ao mundo em que vivem (Gergen, 1992). O interesse pela compreensão das transformações produzidas em terapia também apontou para uma aproximação entre as pesquisas analisadas e o construcionismo social, na medida em que, para esse movimento, a prática terapêutica pode ser entendida como um processo microssocial capaz de fomentar mudanças a partir da negociação dos sentidos entre todos aqueles que participam do encontro terapêutico (Rasera & Japur, 2005b).

Tais resultados mostraram pesquisas comprometidas em discutir sobre as dimensões teóricas e práticas da área clínica, assim como em investigar os sentidos produzidos por todos aqueles que participam do encontro terapêutico, especialmente aqueles que apresentam mudanças ligadas ao processo psicoterápico. Além disso, os resultados da análise demonstraram a importância dos terapeutas de família para a divulgação do construcionismo social nos meios clínico e científico brasileiros.

### ***Versões do Movimento Construcionista na Academia***

Entendendo que não há um único construcionismo, mas diferentes “construcionismos” (Rasera et al., 2004), objetivamos também identificar quais versões de construcionismo social têm inspirado as publicações ligadas à divulgação das terapias associadas a esse movimento na atualidade do contexto acadêmico brasileiro. Para isso, buscamos identificar os autores e obras mais citados e a concepção de construcionismo presente nos estudos analisados.

Por meio da leitura das referências citadas pelas pesquisas recuperadas, foi possível identificar que os três autores mais frequentemente mencionados no conjunto de dados foram Kenneth J. Gergen (25), Harlene Anderson (24) e Sheila McNamee (20). A análise demonstrou que as ideias desses autores foram utilizadas, no conjunto de dados, especialmente para apoiar reflexões ligadas ao entendimento de terapia como construção social, apontando para uma perspectiva construcionista que valoriza o papel do dialogismo, dos relacionamentos e da multiplicidade de sentidos de verdade nos processos de produção de conhecimento e de investigação terapêutica (Burr, 1995; Gergen, 1999).

A obra mais citada (14) tanto no caso de Gergen como no de McNamee foi *A terapia como Construção Social* (McNamee & Gergen, 1992/1998). Esse livro também se mostrou ligado à divulgação das ideias de Anderson, uma vez que seu estudo mais referenciado no conjunto de dados foi o capítulo que a autora escreveu em parceria com Harold A. Goolishian para a obra em questão: *O Cliente é o Especialista: A Abordagem Terapêutica do Não-Saber* (Anderson & Goolishian, 1992/1998). Outras obras de destaque foram os livros *Conversação, Linguagem e Possibilidades: Um Enfoque Pós-Moderno da Terapia* (5), de Anderson (1997/2009/2011), e *Relational Responsibility. Resources for Sustainable Dialogue* (4), de McNamee e Gergen (1999). Assim, o livro *A terapia como Construção Social* (McNamee & Gergen, 1992/1998) demonstra ter se tornado uma referência importante para a comunidade de terapeutas construcionistas brasileiros e pode ser considerado como uma das principais obras responsáveis pela difusão do movimento construcionista no país.

Seguindo para as concepções de construcionismo social, observamos uma variedade de descrições sobre tal perspectiva, contudo, a mesma foi predominantemente reconhecida como (a) uma orientação interessada pelos processos de produção de conhecimento (7 publicações), (b) um movimento científico e social (5), (c) uma teoria que auxilia a prática terapêutica (5) e (d) um discurso em Psicologia (6). Além disso, identificamos pesquisas (6) que descreveram o construcionismo social por meio de algumas de suas ênfases.

Dessa forma, identificamos que o construcionismo foi especialmente reconhecido como sendo uma área interessada pela investigação dos processos de conhecimento, mas também como uma epistemologia, uma metateoria e uma teoria pós-moderna que propõe novos entendimentos sobre os processos de construção de conhecimentos e de sentidos (Carrijo & Rasera, 2010; Coutinho, 2018; Doricci, et al., 2017; Lenzi, 2017; Martins, 2017; Ravagnani, 2015; Vogel, 2012). Além disso, constatamos que o construcionismo foi reconhecido pela sua flexibilidade, sendo descrito como um

movimento, um movimento em ciência, assim como um movimento social (Fernandes & Nascimento, 2019; Manfrim & Rasesa, 2016; Martins, 2017; Pozzer & Novaes, 2019; Ravagnani, et al., 2017). Para mais, observamos que o construcionismo social foi entendido como uma teoria que pode direcionar a prática clínica e o relacionamento terapêutico, como também oferecer recursos para a construção de um diálogo com as perspectivas de gênero e sexualidade no contexto terapêutico e como subsídio para a prática narrativa, reforçando a utilidade da perspectiva construcionista para o campo da terapia (Costa, 2010; Lima & Corsini, 2020; Lenzi, 2020; Lenzi & Lenzi, 2018; Setton, 2019).

Já no que se refere à noção de construcionismo social como um discurso em Psicologia, percebemos que essa perspectiva foi descrita como uma virada linguística, um discurso organizado em torno de algumas premissas, um diálogo que permite a construção constante de significados, bem como um discurso múltiplo e mutável sobre a prática psicológica (Manfrim & Rasesa, 2016; Martins et al., 2013; Ravagnani, 2019; Souza, 2018; Uber & Boeckel, 2014). Por fim, identificamos que algumas publicações não conceituaram o construcionismo de forma direta, mas o descreveram por meio de algumas de suas ênfases. Dentre as mais comuns, observamos a noção de relacionamento como sendo fonte de produção de sentidos e conhecimentos, bem como o foco voltado aos significados, à polivocalidade e aos processos conversacionais (Biagi-Borges, 2013; Barbosa & Guanaes-Lorenzi, 2015; Fiorini et al., 2017; Guimarães, 2018; Martins, 2013; Martins & Arantes, 2018). Nesse sentido, de modo geral, foi possível confirmar que há uma série de tendências socioconstrucionistas sendo produzidas e divulgadas pela comunidade da área (Rasesa & Japur, 2005a), lembrando-nos que o construcionismo é também uma construção social em constante movimento e que, por isso, não pode ser limitado a uma única descrição.

### ***Que Terapia é Essa?***

Objetivando analisar que sentidos de terapia têm sido construídos e divulgados na atualidade do contexto acadêmico brasileiro, tanto a partir de um ponto de vista teórico como de uma perspectiva prática, buscamos identificar os conceitos de terapia que foram mencionados nas 26 publicações levantadas, além de refletir sobre os sentidos atrelados aos mesmos. Em seguida, investigamos as 18 pesquisas que compartilharam casos da prática clínica visando conhecer algumas características técnicas das terapias sensíveis ao construcionismo social, tais como tipo da prática relatada, faixa etária do público atendido, contexto do atendimento e abordagem terapêutica utilizada.

Iniciando a análise dos conceitos de terapia, observamos que os mesmos se mostraram diversificados, mas que estiveram predominantemente associados aos seguintes temas: (a) comunicação (18 publicações), b) relacionamento (14), e c) problema ou preocupação (7), sendo que uma publicação poderia apresentar mais de um conceito. Além disso, consideramos que algumas publicações (2) não revelaram explicitamente o que consideram como terapia, mas que, no entanto, refletiram sobre alguns conceitos relevantes para as práticas clínicas associadas ao construcionismo social. Em relação à comunicação, tais resultados mostram a importância da linguagem para o movimento construcionista (Barbosa & Guanaes-Lorenzi, 2015; Biagi-Borges, 2013; Carrijo & Rasera, 2010; Doricci, et. al, 2017; Fernandes & Nascimento, 2019; Guimarães, 2018; Lenzi & Lenzi, 2018; Lima & Corsini, 2020; Manfrim & Rasera, 2016; Martins & Arantes, 2018; Martins, 2013; Martins et al., 2013; Paula-Ravagnani et al., 2017; Pozzer & Novaes, 2019; Ravagnani, 2015; Setton, 2019; Uber & Boeckel, 2014; Vogel, 2012). Conforme Brito e Germano (2013), as terapias nomeadas como pós-modernas, embora apresentem diferenças entre si, partilham os entendimentos de que a linguagem constrói sentidos, e o diálogo, enquanto prática social, produz transformações. Assim, o foco de atenção das práticas ligadas ao construcionismo social se volta para o fluxo conversacional daqueles que participam do contexto terapêutico, considerando que a ação-conjunta e corporificada do uso das palavras pode construir novos sentidos sobre o mundo, sobre os problemas e sobre si mesmo (Guanaes & Japur, 2008).

Além disso, identificamos que os conceitos de terapia presentes em algumas das pesquisas analisadas também estiveram ligados à concepção de relacionamento (Coutinho, 2018; Doricci et al., 2017; Fiorini et al., 2017; Guimarães, 2018; Lenzi, 2017; Lima & Corsini, 2020; Manfrim & Rasera, 2016; Martins & Arantes, 2018; Martins, 2017; Martins et al., 2013; Rasera & Guanaes, 2010; Ravagnani, 2015; Ravagnani, 2019; Souza, 2018). Assim, algumas das ideias compartilhadas na comunidade construcionista social se referem à valorização dos relacionamentos, da história e da cultura nos processos de conhecimento (Rasera & Japur, 2005a).

Avançando para a análise das publicações que apresentaram conceitos de terapia associados à ideia de problema ou preocupação (7), foi possível observar que uma das ênfases das terapias sensíveis ao construcionismo é construir novas descrições de problema, tendo em vista que os problemas não se localizam nas pessoas, mas nos discursos (Barbosa & Guanaes-Lorenzi, 2015; Biagi-

Borges, 2013; Carrijo & Rasera, 2010; Lima & Corsini, 2020; Ravagnani, 2015; Ravagnani, 2019; Vogel, 2012).

Por fim, consideramos que duas publicações não apresentaram conceitos de terapia (Costa, 2010; Lenzi, 2020). Talvez isso tenha se dado pelo motivo de terem dialogado com terapeutas e pesquisadores da área, os quais provavelmente já estão familiarizados com esse entendimento.

Seguindo para a análise das características práticas das terapias ligadas ao construcionismo social, procuramos identificar nos 18 estudos informações pertinentes ao tipo da prática desenvolvida (individual, grupal, familiar ou de casal), à faixa etária do público atendido (criança, adolescente, adulto ou idoso), ao contexto do atendimento (público ou privado) e à abordagem terapêutica específica utilizada como sustentação teórica das pesquisas que compartilharam casos da prática clínica.

A análise dos tipos de atendimentos nos possibilitou identificar que nove pesquisas discutiram práticas realizadas com famílias (Coutinho, 2018; Lima & Corsini, 2020; Martins, 2013, 2017; Pozzer & Novaes, 2019; Ravagnani, 2015; Ravagnani et al., 2017; Setton, 2019; Uber & Boeckel, 2014), quatro disponibilizaram recortes de atendimentos individuais (Guimarães, 2018; Lenzi, 2017, 2020; Martins & Arantes, 2018) e duas relataram informações pertinentes ao trabalho tanto com famílias como com casais (Barbosa & Guanaes-Lorenzi, 2015; Ravagnani, 2019). Além disso, identificamos duas pesquisas que envolveram atendimentos a casais (Biagi-Borges, 2013; Lenzi & Lenzi, 2018) e uma que partilhou o processo de um grupo psicoterapêutico (Carrijo & Rasera, 2010). Dessa maneira, as práticas clínicas relatadas pelas publicações analisadas se mostraram predominantemente voltadas ao atendimento de famílias, reforçando a influência e a utilidade das propostas construcionistas no contexto da terapia familiar (Paula-Ravagnani et al., 2016). Além disso, identificamos poucos estudos que refletiram sobre experiências desenvolvidas no contexto da terapia individual, resultado que talvez possa ser entendido pelo contexto de origem das pesquisas, como será analisado adiante. No mais, observamos que apenas uma pesquisa demonstrou ter realizado psicoterapia em grupo, fortalecendo a ideia de que ainda são raros os trabalhos que contribuem para a aproximação entre o construcionismo social e o campo das práticas grupais (Rasera & Japur, 2005).

Em relação à faixa etária do público atendido, identificamos que oito pesquisas referiram-se ao trabalho terapêutico exclusivo com adultos (Carrijo & Rasera, 2010; Biagi-Borges, 2013; Guimarães, 2018; Lenzi, 2017; Lenzi & Lenzi, 2018; Martins, 2013; Martins & Arantes, 2018; Ravagnani, 2019), duas relataram sobre práticas que contemplaram tanto adultos como crianças (Pozzer & Novaes, 2019;

Setton, 2019), uma discorreu sobre o atendimento de uma família composta por um adulto, uma criança e três adolescentes (Coutinho, 2018) e uma entrevistou pessoas adultas e idosas que haviam participado de sessões de terapia familiar (Martins, 2017). Além disso, cinco artigos não explicitaram a faixa etária do público atendido (Barbosa & Guanaes-Lorenzi, 2015; Lenzi, 2020; Ravagnani, 2015; Ravagnani et al., 2017; Uber & Boeckel, 2014). Desse modo, observamos que as publicações analisadas contaram principalmente sobre atendimentos realizados com adultos, tendo sido incomum encontrar relatos sobre a prática terapêutica com pessoas idosas, adolescentes e crianças.

Seguindo para a análise dos contextos em que os atendimentos relatados foram desenvolvidos, identificamos que tais práticas ocorreram em clínicas sociais de institutos que oferecem formação em terapia de casal e familiar (Biagi-Borges, 2013; Coutinho, 2018; Lima & Corsini, 2020; Pozzer & Novaes, 2019), em clínicas privadas de psicólogos e terapeutas familiares (Martins & Arantes, 2018; Ravagnani, 2019; Setton, 2019), em um Hospital-Dia de Psiquiatria (Martins, 2013, 2017), em clínicas-escolas de Psicologia (Barbosa & Guanaes-Lorenzi, 2015; Carrijo & Rasera, 2010), bem como em diferentes consultórios (Lenzi, 2017). Além disso, uma publicação disponibilizou recortes de uma sessão que normalmente acontecia no consultório particular da autora, mas que, para os fins da pesquisa, foi audiogravada em uma aula na clínica social de um curso de formação (Guimarães, 2018). No mais, cinco artigos não contextualizaram onde os atendimentos relatados foram realizados (Lenzi, 2020; Lenzi & Lenzi, 2018; Ravagnani, 2015; Ravagnani, et. al, 2017; Uber & Boeckel, 2014). Nesse sentido, foi possível perceber que as práticas terapêuticas relatadas pelas pesquisas analisadas foram principalmente realizadas em clínicas sociais de institutos que oferecem formação em terapia familiar e de casal, o que, em partes, justifica o motivo pelo qual as análises anteriores indicaram um interesse predominante, por parte do conjunto de dados, pelo atendimento a famílias.

Sobre as abordagens terapêuticas utilizadas como aporte teórico para o desenvolvimento dos trabalhos relatados nas pesquisas que versaram sobre a prática clínica construcionista, foi possível identificar que tais práticas estiveram predominantemente influenciadas pelas ideias da abordagem colaborativa de Harlene Anderson e Harold Goolishian (Biagi-Borges, 2013; Carrijo & Rasera, 2010; Guimarães, 2018; Lenzi & Lenzi, 2018; Lenzi, 2017; Lenzi, 2020; Lima & Corsini, 2020; Martins & Arantes, 2018; Ravagnani, 2015; Ravagnani, 2019; Ravagnani, et. al, 2017; Setton, 2019), dos processos reflexivos de Tom Andersen (Barbosa & Guanaes-Lorenzi, 2015; Carrijo & Rasera, 2010; Coutinho, 2018; Lima & Corsini, 2020; Martins & Arantes, 2018; Martins, 2013; Martins, 2017; Pozzer

& Novaes, 2019; Ravagnani, 2019; Ravagnani et al., 2017), e das práticas narrativas de Michael White e David Epston (Carrijo & Rasera, 2010; Coutinho, 2018; Guimarães, 2018; Martins & Arantes, 2018; Ravagnani, 2019; Ravagnani, et. al, 2017). Além disso, uma publicação não explicitou quais eram as abordagens utilizadas pelos terapeutas de família que entrevistou, mas compartilhou algumas das ênfases teóricas utilizadas pelos mesmos (Uber & Boeckel, 2014). Conforme já discutido por autores da área, tais abordagens possuem grande influência na comunidade de terapeutas construcionistas, sendo possível considerá-las como as propostas que mais frequentemente são associadas ao construcionismo social no Brasil (Rasera & Japur, 2004).

### **Considerações Finais**

Os resultados obtidos nos permitiram constatar que poucos estudos ligados à temática das terapias socioconstrucionistas foram publicados no meio acadêmico analisado, e que tais publicações estão sendo divulgadas por um grupo restrito de pesquisadores da Psicologia. Também foi possível notar que a maioria dos estudos analisados se aproximou das propostas de Kenneth Gergen, Harlene Anderson e Sheila McNamee, autores que enfatizam o papel da linguagem e dos relacionamentos nos processos de produção de conhecimento e que pensam a terapia como uma construção social. Além disso, a análise dos conceitos de construcionismo utilizados pelo conjunto de dados permitiu confirmar a preocupação da orientação construcionista com os processos de produção de conhecimento, demonstrando que há uma série de tendências construcionistas sendo produzidas e divulgadas pela comunidade da área, e que o construcionismo está em constante movimento. Ademais, foi possível constatar a importância dos terapeutas familiares para a difusão do movimento construcionista no meio acadêmico brasileiro.

No entanto, é preciso lembrar que o presente estudo apresenta limitações por estar atravessado pelos critérios de escolha metodológica dos autores. Assim, embora o Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES e as bases de dados SciELO e PePSIC sejam plataformas confiáveis e ricas em estudos brasileiros, compreendemos que as mesmas representam apenas uma parcela dos estudos desenvolvidos no meio acadêmico nacional. Podem, inclusive, apresentar falhas que impossibilitam a inclusão de certas pesquisas no conjunto de dados, conforme observamos ocorrer no sistema do Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES.



Diante disso, consideramos importante que mais pesquisadores e terapeutas da área investiguem as aproximações recentes entre o construcionismo social e as práticas terapêuticas no Brasil a partir de diferentes recortes acadêmicos e não acadêmicos, possibilitando, assim, a construção de novas descrições sobre esse campo teórico e prático, como também o fortalecimento e a difusão das terapias socioconstrucionistas no meio científico brasileiro. No mais, destacamos a necessidade da produção de mais pesquisas socioconstrucionistas voltadas para o estudo de práticas terapêuticas organizadas em diferentes formatos de atendimentos, incluindo grupais e individuais, além de pesquisas interessadas pela investigação e relato de casos clínicos que contemplem pessoas idosas, adolescentes e crianças.

### Referências

- Anderson, H. (1997). *Conversation, language and possibilities: A post-modern approach to therapy*. Basic Books.
- Anderson, H., & Goolishian, H. (1998) O cliente é o especialista: A abordagem terapêutica do não-saber. In S. McNamee & K. Gergen (Eds.), *A terapia como construção social* (pp. 34-50). Artes Médicas.
- Barbosa, M. B., & Guanaes-Lorenzi, C. (2015). Sentidos construídos por familiares acerca de seu processo terapêutico em terapia familiar. *Psicologia Clínica*, 27(2), 15-38. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-56652015000200002](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652015000200002)
- Bardin, L. (2016). *Análise de conteúdo*. Edições 70.
- Biagi-Borges, A. L. D. (2013). *A poética do desenho em terapia de casal* [Dissertação de mestrado]. Universidade Federal de Uberlândia. <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/17199>
- Brito, R. M. M., & Germano, I. M. P. (2013). Terapia narrativa e abordagem colaborativa: Contribuições do construcionismo social para a clínica pós-moderna. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 22(47), 57-73. <https://www.revistanps.com.br/nps/article/view/7/8>
- Burr, V. (1995). *An introduction to social constructionism*. Routledge.
- Carrizo, R. S., & Rasera, E. F. (2010). Mudança em psicoterapia de grupo: Reflexões a partir da terapia narrativa. *Psicologia Clínica*, 22(1), 125-140. <https://doi.org/10.1590/S0103-56652010000100008>
- Costa, L. F. (2010). A perspectiva sistêmica para a clínica da família. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(SPE), 95-104. <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722010000500008>

- Coutinho, A. L. (2018). Cerimônia de Definição: O percurso entre a primeira e a segunda escuta no processo de formação do terapeuta. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 27(60), 39-54. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-78412018000100004&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-78412018000100004&lng=pt&tlng=pt)
- Doricci, G. C., Crovador, L. F. & Martins, P. P. S. (2017). O especialista relacional na terapia familiar de fundamentação epistemológica construcionista social. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 26(59), 37-51. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010478412017000300004&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010478412017000300004&lng=pt&tlng=pt)
- Fernandes, T. R., & Nascimento, V. A. (2019). O estado da arte: construcionismo social e a performance terapêutica no Brasil. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 28(64), 6-19. <http://dx.doi.org/10.21452/2594-43632019v28n64a01>
- Flaskas, C. (2011). Frameworks for practice in the systemic field: Part 2 – Contemporary frameworks in family therapy. *Australian and New Zealand Journal of Family Therapy*, 32(2), 87-108. <https://doi.org/10.1375/anft.32.2.87>
- Fiorini, M. C., Guisso, L., & Crepaldi, M. A. (2017). O trabalho com equipes reflexivas: Revisão de literatura. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 26(57), 85-102. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-78412017000100007&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-78412017000100007&lng=pt&tlng=pt)
- Gergen, K. J. (1992). The social constructionism movement in modern psychology. *American Psychologist*, 40(3), 266-275. <https://psycnet.apa.org/doi/10.1037/0003-066X.40.3.266>
- Gergen, K. J. (1999). *An invitation to social construction*. Sage.
- Gergen, K. J. (2009). *Relational being: Beyond self and community*. Oxford University Press.
- Gergen, K. J., & Warhuus, L. (2001). Terapia como construção social: Características, reflexões, evoluções. In M. M. Gonçalves & O. F. Gonçalves (Eds.), *Psicoterapia, discurso e narrativa: A construção conversacional da mudança* (pp.29-64). Quarteto Editora.
- Guanaes, C., & Japur, M. (2008). Contribuições da poética social à pesquisa em psicoterapia de grupo. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 13, 117-124. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2008000200003>
- Guimarães, N. V. (2018). As influências de vozes apreciativas na nossa constituição identitária. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 27(62), 55-70. <https://dx.doi.org/10.21452/2594-43632018v27n62a04>

- Lenzi, B. (2017). O fazer e o estar em terapia dialógica colaborativa. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 26(57), 37-52. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010478412017000100004&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010478412017000100004&lng=pt&tlng=pt)
- Lenzi, B. (2020). Responsividade reflexiva: Um conceito para meios criativos de transformação em práticas colaborativas-dialógicas. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 29(66), 22-35. <https://doi.org/10.38034/nps.v29i66.503>
- Lenzi, T., & Lenzi, B. (2018). O sexo dialógico: Um conceito facilitador para conversações sobre práticas sexuais. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 27(60), 71-82. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-78412018000100006&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-78412018000100006&lng=pt&tlng=pt).
- Lima, A. S. D. C., & Corsini, L. F. (2020). Tecendo redes, construindo pontes: Atendimento a uma família migrante na clínica de famílias do Instituto Noos. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 29(66), 36-48. <https://doi.org/10.38034/nps.v29i66.564>
- Manfrim, A. F., & Rasesa, E. (2016). Diálogos entre o discurso construcionista social e a terapia social. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 25(56), 34-48. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-78412016000300004&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-78412016000300004&lng=pt&tlng=pt)
- Martins, P. P. S. (2013). *Participação da família no tratamento em saúde mental como prática no cotidiano do serviço* [Dissertação de mestrado]. Universidade de São Paulo (Ribeirão Preto). <https://doi:10.11606/D.59.2013.tde-17072013-103034>
- Martins, P. P. S. (2017). *Recursos conversacionais para a clínica ampliada com famílias em saúde mental* [Tese de doutorado]. Universidade de São Paulo (Ribeirão Preto). <https://doi:10.11606/T.59.2017.tde-23052017-090038>
- Martins, P. P. S., & Arantes, M. (2018). Cerimônias de encerramento em terapia individual: Expandindo os sentidos da mudança. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 27(62), 6-23. <https://dx.doi.org/10.21452/2594-43632018v27n62a01>
- Martins, P. P. S., Santos, C. P. D., & Rasesa, E. F. (2013). A terapia focada na solução e suas aproximações ao discurso construcionista social. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 30(1), 111-120. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2013000100012>

- McNamee, S. (2010). Research as social construction: Transformative inquiry. *Saúde & Transformação Social*, 1(1), 09-19. <https://incubadora.periodicos.ufsc.br/index.php/saudeetransformacao/article/view/418/477>
- McNamee, S., & Gergen, K. (1998). *A terapia como construção social*. Artes Médicas.
- McNamee, S., & Gergen, K. J. (1999). *Relational responsibility. resources for sustainable dialogue*. Sage.
- Paula-Ravagnani, G. S., Guanaes-Lorenzi, C., Rasera, E. F., & McNamee, S. (2016). O discurso construcionista social na prática clínica de terapeutas familiares. *Psicologia em Estudo*, 21(2), 267-278. <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v21i2.28651>
- Pozzer, L. A., & Novaes, E. D. D. F. (2019). Teoria do posicionamento e terapia familiar: Criando novas posições discursivas na relação entre mãe e filho. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 28(65), 19-35. <https://doi.org/10.38034/nps.v28i65.535>
- Rasera, E. F., Guanaes, C., & Japur, M. (2004). Psicologia, ciência e construcionismos: Dando sentido ao self. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17, 157-165. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722004000200004>
- Rasera, E. F., & Japur, M. (2004). Desafios da aproximação do construcionismo social ao campo da psicoterapia. *Estudos de Psicologia*, 9(3), 431-439. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2004000300005>.
- Rasera, E. F., & Japur, M. (2005a). Os sentidos da construção social: O convite construcionista para a psicologia. *Paidéia*, 15(30), 21-29. <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2005000100005>
- Rasera, E. F., & Japur, M. (2005b). Problema e mudança em terapia de grupo: Descrições construcionistas sociais. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 21, 33-41. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722005000100006>
- Ravagnani, G. S. D. P. (2019). *A integração de teorias e técnicas na prática clínica em terapia familiar*. [Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo (Ribeirão Preto)]. <https://doi.org/10.11606/T.59.2019.tde-01062020-191050>
- Ravagnani, G. S. D. P. (2015). *Difusão do construcionismo social entre terapeutas familiares: desafios e potencialidades*. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo (Ribeirão Preto). <https://doi.org/10.11606/D.59.2015.tde-14042015-110146>

- Ravagnani, G. S. D. P., Guanaes, C. L., & Rasera, E. F. (2017). A utilização de modelos teóricos na terapia familiar: Foco no construcionismo social. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 27(67), 84-92. <https://doi.org/10.1590/1982-43272767201710>
- Setton, M. Z. (2019). "O menino e a abóbora": A arte de um encontro. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 28(64), 20-31. <http://dx.doi.org/10.21452/2594-43632019v28n64a02>
- Souza, L. V. (2018). Aconselhamento psicológico como construção social. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 38(2), 262-274. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-3703003762017>
- Uber, M. L. R., & Boeckel, M. G. (2014). A prática em terapia de família e as redes sociais pessoais. *Pensando Famílias*, 18(2), 108-123. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/penf/v18n2/v18n2a09.pdf>
- Vogel, A. (2012). O papel do terapeuta na relação terapêutica na Gestalt-terapia e na Terapia de Família Sistêmica Construcionista Social. *IGT na Rede*, 9(16). [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1807-25262012000100007&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1807-25262012000100007&lng=pt&tlng=pt).

#### Endereço para correspondência

[livia\\_focchi@hotmail.com](mailto:livia_focchi@hotmail.com)

[emersonrasera@gmail.com](mailto:emersonrasera@gmail.com)

[carlaquanaes@usp.br](mailto:carlaquanaes@usp.br)

Recebido em 21/07/2023

1ª Revisão em 03/07/2024

Aceito em 20/09/2023